

Florestas da Amazônia queimam menos em 90

Desde maio, o Ibama registrou na região apenas a metade dos focos de fogo observados em 89

ELZA PIRES

MARABÁ — A Amazônia está queimando menos este ano, segundo estimativa do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). A região, de acordo com o instituto, apresentou cerca da metade do número de queimadas em relação ao mesmo período no ano passado. Desde maio, quando começou a fiscalização dos desmatamentos e queimadas na Amazônia, o Maranhão foi o Estado mais atingido pelos focos de fogo. Segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), o Maranhão acumulou, num período de três meses, 52% do total de focos captados pelo satélite Sandsat, seguido pelo Tocantins, com 40%. Nesses locais, a fiscalização do Ibama foi precária, por falta de recursos.

Os desmatamentos da Amazônia Legal vinham

acontecendo a uma média anual de 2,4 milhões de hectares. O Ibama pretende reduzir esse índice para uma média máxima de 500 mil hectares. Na região de Marabá — escolhida para o lançamento da fase mais intensa da fiscalização, as queimadas continuam, mas em pequena escala.

A presidente do Ibama, Tânia Munhoz, anunciou ontem, durante a inauguração da Operação Amazônia, que só a reforma agrária e o zoneamento ecológico poderão conter o processo de destruição da floresta. Em sua passagem pela região, Tânia Munhoz surpreendeu o incêndio de quatro hectares por um posseiro e um desmatamento com retirada de trinta toras de mogno. O fato é observado com frequência na floresta: o pequeno posseiro é usado pelos madeiros para a derrubada de árvores. Para reverter a situação, Tânia prometeu uma ação conjunta do Ibama com o Ministério da Agricultura. De maio até agora, os fiscais do Ibama apreenderam cerca de 73 mil metros cúbicos de madeira retirados irregularmente e aplicaram um to-

tal de Crs 58 milhões em multas.

PREJUÍZO

Preocupados com a falta de matéria-prima para suas serrarias, principalmente durante o período de fiscalização, representantes do setor madeireiro de Belém e Macapá entregaram ontem ao Ibama um projeto para o corte seletivo da madeira na região. O setor agropecuário, no entanto, recusa-se a fazer concessões ao instituto. "No ano passado eu tive prejuízos porque o Ibama não liberou a autorização para queimar o pasto", reclamou Netário Lacerca, em Marabá. "Precisávamos rever a estrutura do Ibama e destinar mais funcionários aos Estados", admitiu a presidente do instituto.

Segundo Tânia Munhoz, o Ibama está mais preocupado no momento em conter a derrubada de árvores do que em arrecadar o dinheiro das multas. "Nosso interesse é garantir a árvore em pé, na floresta, e não as toras estocadas em nossos postos estaduais", afirmou. Segundo ela, a madeira apreendida este ano pela fiscalização da Operação Amazônia será toda leiloadada.



Protásio Nêne/ABE

Tânia Munhoz: "Não adianta criar áreas de preservação dos castanhais só no papel"

Crescem os cemitérios de castanhais

MARABÁ — Os cemitérios de castanhais estão se tornando paisagens comuns no Sul do Pará, ao longo da Rodovia PA-150. O abate dessas árvores é proibida por lei, mas elas são frágeis e não resistem quando a floresta à sua volta é desmatada. "Queremos encontrar uma forma de preservar os castanhais, mas não adianta criar áreas de conservação só no papel ou só proibir o abate", afirma a pre-

sidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Tânia Munhoz.

Segundo Tânia, há um estudo em andamento no Ibama para preservar os castanhais, mas, de acordo com ela, o maior problema na região é o fundiário. "O Incra realizou assentamentos na área, e os colonos e posseiros, sem meios de subsistência quando

a coleta anual de castanhas termina, acabam derrubando a mata para plantar", explica Nobertor Neves, responsável pelo posto de fiscalização do Ibama em Marabá. "Antes a gente via muita castanha, agora está acabando tudo", assegura Ilda de Oliveira, moradora do local. Aos poucos, as árvores são substituídas por plantações de arroz, milho e feijão, mantidas pelos posseiros.